

PROJETO GUIGNARD

Maria José Albergaria, aposentada, residente em Ouro Preto.
Entrevista realizada no dia 29 de agosto de 2001, em sua residência.

Gélcio: Zezé, quais são as suas lembranças de Guignard?

Zezé: As minhas lembranças são aqui da rua em que moro, quando ele pintava e eu gostava muito de ficar por perto e fazer perguntas. Nessa época ia trabalhar na Escola de Minas e sempre o encontrava na porta do *Toffolo*. Ai, um dia que ele não me viu, ficou muito preocupado, me escreveu uma carta. Isso foi em cinco de fevereiro de 1958. Acho que ele se encantou comigo, ficava me cercando na rua com bombons e balas...

Gélcio: Como era esse romance, o que Guignard falava?

Zezé: Eu pouco entendia porque era difícil compreender a sua fala. Ele expressou melhor suas idéias na carta, me chamando de musa, de deusa inspiradora.

Gélcio: Será que é possível você ler essa carta pra gente?

Zezé: “Prezada senhorinha, celeste musa, vossa curiosidade e presença no lugar onde eu estava desenhando me deu tal alegria e contentamento que daquele momento até hoje estou com muita saudade da senhorinha. Hoje iria de novo ao mesmo local para acabar um desenho que devo acabar porque quero oferecer-lhe. Mas a chuva impertinente não me deixa trabalhar. A última noite que a celeste musa me viu num restaurante, na rua principal da cidade eu levantei e fui à rua, mas não a revi mais. Que pena! Creio que foi ao cinema. Como deverei ficar alguns dias aqui, espero e desejo muito lhe encontrar de novo. Sem mais, na boa esperança que a celeste e querida musa esteja passando bem de saúde, cumprimento-a respeitosamente, vosso novo amigo, beijando-lhe a mão. Guignard”.

Gélcio: Como você se sentiu chamada de “celeste musa”?

Zezé: Fiquei na minha, eu era muito nova. A princípio me assustei, não pensava que ele fosse escrever uma carta assim... Mas ele não causava medo, era uma pessoa muito boa... Ele ficava muito aqui na porta de casa e nos tornamos amigos.

Gélcio: Daqui ele pintou a Ponte Seca?

Zezé: É, e ele ficou até de me dar um quadro, se não me engano, *Nossa Senhora da Conceição*, mas acabou que nesse dia ele tinha tomado muito vinho e deu para uma turista. E eu fiquei “a ver navios”.

Gélcio: Você acha que as pessoas sabiam que se tratava de um grande artista?

Zezé: Acho que não sabiam, nem eu sabia que ele era tão afamado.

Gélcio: Você chegou a conhecer a casa no bairro Antônio Dias, onde ele morou?

Zezé: Cheguei, tive um dia de aula com ele. Foi uma vez só, até foi muito engraçado, porque no dia estava passando uma tropa de cavalos e eu atropeliei um. Ele ficou preocupado: “Machucou a bundinha, você machucou a bundinha”? Mas foi só essa vez.

Gélcio: E as suas irmãs, também conheceram Guignard?

Zezé: Conheceram, vinham conversar com ele...

Gélcio: Caso você tivesse que pensar Guignard em Ouro Preto, agora, onde você o veria?

Zezé: Eu o veria na esquina do paredão, em frente à casa de Alice Ribas, pintando os fundos do Rosário.

Gélcio: Sua casa fica próxima ao local que você descreve: a Ponte Seca, a descida do Rosário, as torres da igreja e o casario... Ele vinha bastante aqui?

Zezé: Vinha, esse pedaço era afamado. E tinha musa...

Gélcio: Como você vê a pintura do Guignard?

Zezé: Acho linda. É conhecida, você olha, sabe de quem é. Ele tinha algo de diferente.

Gélcio: E o destino dessa cartinha que você recebeu do Guignard?

Zezé: O destino? Ela está aqui, guardadinha, debaixo de sete chaves...